

## ATRAVÉS DO LÉXICO MARAVILHOSO DE ALICE

Flavia Santos da Silva\*

Guilherme Fromm\*\*

**RESUMO:** A partir da ótica da Linguística de *Corpus* e da leitura das obras "Alice no País das Maravilhas" e de "Alice no Reino do Espelho", nos idiomas português e inglês, este trabalho tem o objetivo de analisar questões de tradução, de densidade lexical e de chavicidade, utilizando o programa *WordSmithTools 5.0* e duas de suas ferramentas, a saber: *Wordlist* e *Keywords*.

**PALAVRAS-CHAVE:** Linguística de *Corpus*; Lewis Carroll; Tradução.

**ABSTRACT:** Based on Corpus Linguistics and both "Alice's Adventures in Wonderland" and "Through the Looking-Glass and What Alice Found There" books, this paper aims at, using the software *WordSmithTools 5.0* and two of its tools: *Wordlist* and *Keywords*, analyzing the issues of translation, lexical density and keyness involved in the English and Portuguese versions of these works.

**KEY-WORDS:** Corpus Linguistics; Lewis Carroll; Translation studies.

Em 1931, *Alice* foi publicado pela primeira vez no Brasil, com tradução de Monteiro Lobato. Depois desta publicação, muitas outras se sucederam, sendo que, ainda nesta década, como a indústria editorial aqui estava começando a se desenvolver, muitas obras eram traduzidas e editadas na França ou em Portugal e enviadas ao Brasil.

---

\* Aluna de Graduação em Letras, Universidade Federal de Uberlândia.

\*\* Professor Adjunto em Língua Inglesa. Universidade Federal de Uberlândia.

Com exceção da tradução de Lobato, comumente encontrada em bibliotecas e livrarias e que continua a ser editada, as publicações até a década de 80 constituem-se raridades, ficando geralmente restritas a catálogos ou a estantes de colecionadores. Somente as edições mais atuais são facilmente encontradas.

O *corpus* deste trabalho se baseia em dois livros de Lewis Carroll e quatro de suas traduções, a saber:

<i>Livro</i>	<i>Doravante</i>	<i>Tradutores</i>	<i>Ano da edição</i>
<i>Alice's Adventures in Wonderland</i>	AW	-----	1939 <sup>1</sup>
Alice no País das Maravilhas	APMI	Izabel de Lorenzo e Nelson Ascher	2000
Alice no País das Maravilhas	APMC	Clélia Regina Ramos	2002
<i>Through the Looking-Glass and What Alice Found There</i>	THLG	-----	1939
Alice no País do Espelho	APE	Monteiro Lobato	1962
Alice no Reino do Espelho	ARE	Maria T. C. de Giacomo	1962

Tabela 1 – Versões na língua original e traduções.

Com relação às versões de *Through the Looking-Glass and What Alice Found There* analisadas neste artigo, *Alice no País do Espelho*, de Monteiro Lobato, é tida como uma tradução e adaptação, e *Alice no Reino do Espelho*, de Maria de Giacomo, é tida como uma adaptação. Segundo, Amorim (2005), há diferenças nestes termos. As adaptações estariam “geralmente associadas a um processo de ‘simplificação’” e seriam vistas “como uma forma de transformação que descaracterizaria as obras originais”. Além disso, seu enfoque seria direcionado “para a história ou tema geral da narrativa, e não para aspectos formais ou estilísticos da obra original”. Por outro lado, nos livros designados como traduções-adaptações, “essa combinação de conceitos poderia indicar a necessidade de se atenuar o caráter transformador geralmente atribuído às adaptações, associando a adaptação à noção já consagrada de maior ‘fidelidade’ relacionada ao conceito de tradução”.

As duas versões de *Alice's Adventures in Wonderland*, tanto a de Izabel de Lorenzo com Nelson Ascher quanto a de Clélia Regina, são tidas como traduções, ou seja, possuem,

<sup>1</sup>Cabe ressaltar aqui que a edição primeira de AW data de 1865 e a de THLG de 1871.

supostamente, uma “fidelidade” maior em relação ao texto fonte. Entretanto, como é dito por Francisco Achar na apresentação de *Alice no País das Maravilhas* (APMI):

Não seria exagero afirmar que este *foi considerado* um livro para crianças porque discrepava muito dos padrões convencionais para poder ser pacificamente aceito pelo universo adulto de sua época. Depois, isso deixou em parte de ser verdade, porque as histórias de Alice passaram a ser lidas tanto por crianças (em adaptações, pois para elas o livro é demasiado complexo) quanto por pessoas mais velhas, desde jovens em busca de diversão até especialistas em literatura ou filosofia — cada um buscando o que corresponde a seu interesse, e cada um vendo um lado real deste livro de muitos lados.

Nesse sentido, seria mesmo APMI uma tradução ou uma adaptação, ou ainda uma tradução-adaptação? Enfim, delimitar as fronteiras existentes (ou supostamente existentes) entre esses termos é muito difícil, esse artigo tem o propósito de mostrar até que ponto as duas “traduções” de AW e de THLG, respectivamente, mantiveram-se “fiéis” com relação ao léxico de Lewis Carroll. Isso porque cremos que todo o mundo *nonsense* criado por esse autor nestas duas obras tem uma parte sustentada pelas palavras que inventa ou pelas palavras muito específicas que utiliza. Isso se dá porque, como diz Uchoa Leite (1980 *apud* AMORIM, 2005, p. 171):

O sentido de sua obra [de Lewis Carroll] se revelaria, mais do que através da visão simbólica, pela percepção do jogo dialético permanente entre significante e significado, do jogo das palavras e do que elas significam, ou do questionamento das regras lógicas pelo nonsense e pelo paradoxo.

Desta feita, é o todo da obra de Carroll que confere seu sentido *nonsense*, o que, por sua vez, não impede que se faça uma análise de uma parte sua.

Por esse motivo, para analisar o léxico das obras em questão utilizar-se-á da Linguística de *Corpus*. A Linguística de *Corpus* se baseia no empirismo de Halliday, que se utiliza da análise de dados reais para fazer a observação da linguagem, em detrimento do racionalismo

de Chomsky, que se utiliza da introspecção, a intuição, para observá-la. Porém, como aponta Sinclair (*apud* SARDINHA, 2004, p. 32):

O ser humano, ao contrário de o que em geral se pensa, não é bem organizado para isolar conscientemente o que é central e típico da linguagem; aquilo que é incomum é percebido imediatamente, mas os eventos costumeiros do dia-a-dia são apreciados subliminarmente.

Isso leva ao fato de Chomsky pensar a linguagem como possibilidade (maior foco na competência linguística), e Halliday pensá-la como probabilidade (maior foco no desempenho linguístico, ou seja, no uso efetivo da língua). Assim sendo, o Gerativismo aponta quais são as possíveis realizações comunicativas dentro de uma língua, enquanto que a linguística hallidayana aponta as estruturas realmente realizadas por um falante nativo. O fato de haver a possibilidade de uma estrutura (semântica, lexical, sintática, entre outros) se realizar, não implica o fato de ela realmente ser realizada por seus falantes. Isso significa dizer que, por mais que exista a possibilidade de a palavra “faletato” existir em Língua Portuguesa, por nela serem respeitadas a estruturação da sílaba nesse idioma, por exemplo, ao se analisar o Banco do Português<sup>2</sup>, chega-se à conclusão de que ela é inexistente. Portanto, apesar de ser possível, não é realizada.

Ao contrário do que poderia se pensar, um *corpus* não pode se caracterizar apenas por um conjunto de textos. Segundo Sardinha (2004, p. 18), um *corpus* é:

Um conjunto de dados linguísticos (pertencentes ao uso oral ou escrito da língua, ou a ambos), sistematizados segundo determinados critérios, suficientemente extensos em amplitude e profundidade, de maneira que sejam representativos da totalidade do uso linguístico ou de algum de seus âmbitos, dispostos de tal modo que possam ser processados por computador, com a finalidade de propiciar resultados vários e úteis para a descrição e análise.

---

<sup>2</sup>Corpus de referência coletado pelo prof. Tony Sardinha, PUC/SP.

Neste sentido, um *corpus* deve possuir dados autênticos, ou seja, que sejam baseados em *realia*, em textos naturais (escritos ou falados não com o intuito de servir como um objeto de estudo, mas com o objetivo de estabelecer comunicação), criteriosamente escolhidos e representativos de uma língua ou variedade linguística, que possam servir de objeto de estudo computável digitalmente. Desta forma, seus critérios de seleção podem fazer com ele tenha maior ou menor *closure* (SARDINHA, 2004). Isso significa dizer que, quanto mais criteriosamente escolhido, menor sua variação lexical, gramatical e discursiva. Porém, essa especificidade não implica essa coletânea de textos ser “melhor” ou “pior”. Pelo contrário, é necessário que haja essa delimitação na variedade dos textos a fim de que os mesmos sejam adequados com os objetivos da pesquisa.

Como o objetivo da nossa pesquisa era de fazer uma análise contrastiva das listas de palavra e das listas de palavras-chaves entre nas obras AW e THLG e em duas de suas respectivas traduções a fim de analisar algumas questões de léxico e de tradução, o nosso *corpus* possui um *closure* pequeno. Entretanto, esse *corpus* tão específico forneceu informações suficientes para esta pesquisa.

Para analisarmos este *corpus*, utilizamos o programa *WordSmith Tools 5.0* e duas de suas ferramentas: *Wordlist* (lista de palavras) e *Keyword* (lista de palavras-chave). A primeira fornece uma lista de todas as palavras do texto juntamente com informações relacionadas às mesmas, como densidade lexical, por exemplo. A segunda fornece uma lista das palavras que são chave na relação texto-fonte (AW, por exemplo) e *corpus* de referência (*corpus* significativamente maior que representa as palavras existentes em determinada língua).

As listas de palavras dos livros em questão demonstram os seguintes dados em relação aos *tokens* (palavras individuais: número de todas as palavras no texto), aos *types* (número de tipos de palavras no texto, por exemplo, diversos *tokens* da mesma palavra são contados como um único *type*), e à relação *type/token* que designa a densidade lexical do texto, ou seja, a variedade no léxico existente no mesmo:

<i>Livro</i>	<i>Tokens</i>	<i>Types</i>	<i>Type/Token</i>
AW	27.504	2.729	9.95
APMI	28.928	4.619	16.22
APMC	25.580	3.588	14.04
THLG	29.743	2.851	9.59
APE	21.956	3.788	17.43
ARE	20.008	3.626	18.29

Tabela 2 – Densidade lexical

Analisando a tabela acima, com relação à *Alice's Adventures in Wonderland*, a tradução de Clélia Regina (APMC) possui menos *tokens* que a tradução de Izabel de Lorenzo (APMI) e que a versão original (AW). Com isso, pode-se perceber que, dentre as muitas modalidades de tradução que Clélia Regina utilizou, a menos empregada foi a tradução literal, uma vez que o uso frequente dela traria um número de *tokens* próximo ao original.

Com relação à tradução de Izabel de Lorenzo (APMI), esta possui mais *tokens* que AW. Ao contrário de Clélia Regina, é possível que ela tenha se utilizado de modalidades de tradução que podem fazer agregar mais palavras ao texto. Por exemplo, como em APMI há sete páginas de apresentação e introdução ao livro, as quais possuem informações motivadas pelos próprios tradutores (Lorenzo e Ascher), constata-se que uma dessas modalidades é o acréscimo. Além disso, há muitas notas de rodapé, totalizando 67 ao longo de todo o livro, em que se explicita o sentido de certas palavras. Não há isso em APMC. Por isso, esta possui uma densidade lexical menor que aquela. A citação abaixo, de APMI, ilustra uma destas notas de rodapé:

“Minha história é longa e triste como uma cauda!”<sup>16</sup> disse o Rato, voltando-se para Alice e suspirando. (...)

<sup>16</sup> - Um dos muitos trocadilhos deste livro: *tale* (pronúncia *têil*) pode significar tanto “história, conto” quanto “cauda, rabo”.

Ao mesmo tempo, em *Through the Looking-Glass*, ao contrário do que acontece em *Alice's Adventures in Wonderland*, o maior número de *tokens* está na versão original e não nas traduzidas. E por que, então, APE e ARE teriam consideravelmente menos *tokens* que THLG? Pelo mesmo fato que se passa em APMC: os tradutores podem ter utilizado muitas omissões e elipses. Entretanto, apesar de possuir mais palavras, THLG possui menos tipos de palavras, ou seja, sua densidade lexical é menor em relação às traduções.

E isso não acontece apenas em THLG. Analisando esta mesma tabela, percebe-se que os livros originais (AW e THLG) possuem a razão *type/token* (tipos de palavras X palavras individuais) bem menor que suas traduções. Isso denota que elas possuem menos *types* que as traduções. Como *types* representam o número de palavras únicas e *tokens* o número de todas as palavras, conclui-se que as obras em inglês têm uma densidade lexical menor que as em português, isto é, aquelas possuem menos variedade no vocabulário que estas. Com isso, percebe-se que o vocabulário nas obras em português é mais variado, o que não implica que seja mais rico.

No que concerne às palavras-chaves, abaixo listamos as vinte palavras lexicais com maior frequência em *Alice's Adventures in Wonderland*:

	AW			APMI			APMC		
	Token	Freq.	Keyness <sup>3</sup>	Token	Freq.	Keyness	Token	Freq.	Keyness
1	Alice	387	4.271	Alice	452	5.826	Alice	434	5.667
2	Gryphon	55	842	Disse	324	1.280	Disse	277	1.076
3	Hatter	55	767	Chapeleiro	55	981	Chapeleiro	56	1.014
4	Turtle	57	619	Dormidongo	40	806	Tartaruga	62	742
5	Alice's	46	563	Tartaruga	54	754	Leirão	38	717
6	Mock	60	558	Duquesa	48	677	Rainha	77	645
7	Dormouse	39	548	Rainha	79	646	Duquesa	43	608
8	ca'n't	28	470	Grifo	55	509	Pensou	60	576
9	Wonderland	38	446	Pensou	55	505	Grifo	54	511
10	Rabbit	54	407	Falsa	58	476	falsa	56	470
11	Queen	69	394	Rato	48	423	estava	122	466

<sup>3</sup>Números arredondados.



12	adventures	41	372	Rei	64	400	respondeu	57	417
13	won't	22	369	Lebre	32	399	Rei	64	415
14	Duchess	39	341	Estava	112	384	Lebre	31	392
15	Caterpillar	29	308	Coelho	56	338	Rato	44	390
16	Hare	31	282	Ilustração	39	322	perguntou	48	389
17	Mouse	43	250	Lagarta	31	313	começou	73	352
18	King	61	242	Gato	37	297	continuou	45	342
19	tone	41	216	Respondeu	43	280	Coelho	52	319
20	Cat	36	175	Cabeça	59	268	novamente	57	310

Tabela 3 – *Keywords* de *Alice's Adventures in Wonderland* e de suas traduções.

A tabela acima mostra que, nos três livros, a palavra “Alice” possui maior frequência. Em AW, 14 das 20 palavras (70%) se referem diretamente aos personagens. Em APMI, esta relação é de 65% e, em APMC, de 55%. Isto demonstra que as três obras possuem os nomes dos personagens como *tokens* mais utilizados. “Hatter” está na terceira posição tanto na versão original quanto nas versões em português. No entanto, não se pode afirmar que estas três palavras estão na mesma posição por aparecerem praticamente com a mesma quantidade de vezes nos textos (55 vezes), e sim por possuírem a mesma *keyness* (chavicidade) em relação aos *corpora* de referência utilizados para fazer esta lista de palavras-chave. Ou seja, “Hatter” tem a mesma posição na lista decrescente de chavicidade em relação ao ANC/BNC<sup>4</sup> que “Chapeleiro” em relação ao *Corpus* de Português<sup>5</sup>. É por isso que acontece, por exemplo, de “Gryphon” estar na posição 2 em AW, e “Grifo” estar nas posições 8 e 9 em APMI e APMC, respectivamente, apesar de possuírem praticamente a mesma frequência (55). Por conseguinte, “Gryphon” possui uma chavicidade maior, com relação aos *corpora* de referência de inglês, que “Grifo” possui em relação ao seu *corpus* de referência do português.

Percebe-se que, em um *corpus* paralelo<sup>6</sup>, duas palavras que possuem a mesma recorrência em um texto podem ter uma posição diferente na lista, uma vez que, apesar de possuírem a mesma frequência, possuem uma chavicidade diferente em relação ao *corpus* de

<sup>4</sup>*Corpora* de referência em inglês utilizados nesta pesquisa: *American National Corpus* e *British National Corpus*.

<sup>5</sup>*Corpus* de referência em português utilizado: Lácio Ref.

<sup>6</sup>*Corpus* que possui textos de uma obra original com sua(s) respectiva(s) tradução(ões).



referência de sua língua de origem. Isso é o que se chama de *positive keyness* e *negative keyness*. O primeiro refere-se ao fato de uma palavra ser estatisticamente mais frequente em relação ao *corpus* de referência. E o segundo, ao fato dela ser estatisticamente menos frequente em relação ao *corpus* de referência<sup>7</sup>.

Nesse sentido, em uma lista de palavras-chave, um *token* com alta frequência, como “estava” em APMI, pode estar em uma posição inferior (no caso, posição 14) a uma palavra que possui bem menos frequência, como “Lebre” em APMI (posição 13). Isso significa que, apesar de mais recorrente, “estava” possui menos chavicidade que “Lebre” em relação ao *corpus* de referência.

No entanto, pode coincidir de uma palavra com baixa chavicidade também ter menor recorrência: “Queen” está na posição 11, ao passo que “Rainha”, nas posições 7 e 6 em APMI e APMC respectivamente. Neste caso, então, “Queen” possui menos frequência e menos chavicidade. Entretanto, como já dito anteriormente, não se pode afirmar que sua baixa chavicidade se dê por sua baixa frequência no texto.

Em *Alice Through the Looking-Glass*, o *token* “Alice” é o mais recorrente, sendo os *tokens* “Queen” e “Rainha” os segundos mais recorrentes nas três versões, como demonstra a tabela abaixo:

	<i>THLG</i>			<i>APE</i>			<i>ARE</i>		
	<i>Token</i>	<i>Freq.</i>	<i>Keyness</i>	<i>Token</i>	<i>Freq.</i>	<i>Keyness</i>	<i>Token</i>	<i>Freq.</i>	<i>Keyness</i>
1	Alice	434	4.814	Alice	437	5.847	Alice	421	5.681
2	Queen	179	1.329	Rainha	171	1.756	Rainha	176	1.851
3	Dumpty	53	727	Humpty	53	985	Gorducho	56	978
4	Humpty	53	718	Espelho	88	843	Menina	106	963
5	ca’n’t	37	615	Menina	95	825	Disse	235	949
6	Knight	57	490	Exclamou	54	759	Dlindindum	31	647
7	Tweedledum	31	457	Murmurou	38	592	Gritou	53	622
8	Tweedledee	27	392	Respondeu	68	542	Até	45	604
9	cried	56	380	Rei	68	470	Perguntou	62	565

<sup>7</sup>Portanto, a chavicidade de uma mesma palavra pode variar dependendo da “Frequência Mínima” e do *p value* escolhidos pelo autor.

10	Unicorn	23	263	Disse	149	449	Cavaleiro	47	527
11	red	70	257	Até	35	446	Rei	68	582
12	King	61	233	Perguntou	21	373	Dlindindim	22	459
13	Gnat	18	232	Cavaleiro	35	366	Pensou	45	428
14	Alice's	21	224	Unicórnio	21	348	Vermelha	53	427
15	tone	42	216	Dumpty	20	347	Respondeu	54	416
16	Kitten	22	206	Dee	29	342	Unicórnio	21	352
17	Kitty	24	204	Pensou	36	320	Continuou	40	314
18	White	67	174	Gatinho	23	316	Estava	84	300
19	Haigha	10	166	Pudim	23	301	Bosque	26	256
20	Thought	86	154	Árvore	20	297	Pretinha	18	241

Tabela 4 – Keywords de *Through the Looking-Glass* e de suas traduções.

Como na tabela de *Alice's Adventures in Wonderland*, nesta tabela também cerca de 70% das palavras se referem aos nomes dos personagens na versão em inglês do livro. Na versão em português, esta relação está em torno de 50% das palavras. Além disso, muitos dos *tokens* se referem a verbos que introduzem o pensamento ou a fala de algum personagem, como “continuou”, “respondeu”, “pensou”, etc.

Apesar de “Humpty Dumpty” ser um nome composto e de os *tokens* “Humpty” e “Dumpty” possuírem a mesma recorrência no livro (53), eles não possuem a mesma chavidade. O primeiro possui uma chavidade de aproximadamente 727 e o segundo de 718. Com isso, infere-se que, a despeito de “Humpty Dumpty” ser um nome composto, “Humpty” aparece com mais frequência no corpus de referência que “Dumpty”. E isso por, provavelmente, aparecerem com uma frequência variada no *corpus* de referência. Na tradução de Maria de Giacomio (ARE) “Gorducho” se refere a “Humpty Dumpty” e possui a mesma posição que este. Entretanto, na tradução de Monteiro Lobato (APE) “Humpty” está na posição 3 e “Dumpty”, na décimo quinta. Isso se explica por este tradutor ter utilizado o recurso de ora se referir a esse personagem como “Humpty” ora como “Dumpty”, tendo sido aquele o mais utilizado por ele.

Além disso, esta tabela demonstra algumas curiosidades quanto ao estilo e preferências de tradução. Em relação à gatinha de Alice, em THLG, ela é referida como “*kitten*” e “Kitty”.

Em Lobato, ela é referida mais como “gatinho” ao passo que, em Maria de Giácomo, como “pretinha”. Ademais, no que concerne aos personagens “Tweedleedum” e “Tweedleede”, Lobato se refere mais a este (“Dee”), e Giácomo mais àquele (“Dlidindum”). E, embora os nomes destes personagens tenham posições muito diferentes nos três livros, eles possuem basicamente a mesma frequência, de 27 a 31.

Em suma, ao analisar todas estas questões de tradução, de densidade lexical e de chavidade, chega-se à conclusão de que, apesar de muitas das versões em português de AW e de THLG utilizadas nesta pesquisa serem adaptações, elas possuem uma maior densidade lexical causada pelo uso de uma maior variedade de palavras e pelo acréscimo de informações motivado pelos tradutores, como notas de rodapé, por exemplo. Entretanto, isto não implica que sua riqueza lexical seja maior. Existe uma discussão, entre os teóricos da tradução, sobre o fato de haver uma perda da originalidade e da riqueza conferidas por um autor quando seus livros são traduzidos. No caso de Lewis Carroll, *“instead of being concerned with the message words carry as a part of phrases and sentences, Carroll unlocks words from their contexts and gives them an identity of their own”*<sup>8</sup> (BECKMAN, 2010). Portanto, é provável que as versões de AW e de THLG aqui analisadas mantiveram seu foco mais em transmitir a mensagem do texto que “destrancar” os significados das palavras a fim de que a originalidade do autor fosse mantida.

### Referências Bibliográficas

AUBERT, F.H. *Modalidades de tradução: teoria e resultados*. TradTerm, São Paulo, n.5, p. 99-128, 1998.

AMORIM, L. M. “As reescrituras de Alice: entre identidade e a diferença, travessias” IN: \_\_\_\_\_. *Tradução e adaptação: encruzilhadas da textualidade em Alice no país das maravilhas, de Lewis Carroll, e Kim, de Rudyard Kipling*. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

---

<sup>8</sup>“Ao invés de estar preocupado com a mensagem que as palavras carregam quando fazem parte de certos sintagmas e frases, Carroll tira (destranca) as palavras de seu contexto e dá-lhes identidade própria”. (tradução nossa).

BAKER, M. “Corpus in Translation Studies: an overview and some suggestions for future research” In: *Target* 7:2. Amsterdam: John Benjamins, 1995.

BECKMAN, J. ““We're all mad here. I'm mad. You're mad.” - The Alice Books and the Professional Literature of Psychology and Psychiatry” In: *The Victorian Web*. Disponível em: <<http://www.victorianweb.org/authors/carroll/beckman2.html>> Acessado em 25 de Março de 2010.

\_\_\_\_\_. “Well [Versed] in the language of wonderland” In: *The Victorian Web*. Disponível em: <<http://www.victorianweb.org/authors/carroll/beckman.html>> Acessado em 25 de Março de 2010.

CARROLL, L. *Through the Looking Glass and What Alice Found There* [1939]. Disponível em: <[http://www.gasl.org/refbib/Carroll\\_\\_Works.pdf](http://www.gasl.org/refbib/Carroll__Works.pdf)>. Acessado em 19 de Março de 2010.

\_\_\_\_\_. *Alice's Adventures in Wonderland* [1939]. Disponível em: <[http://www.gasl.org/refbib/Carroll\\_\\_Works.pdf](http://www.gasl.org/refbib/Carroll__Works.pdf)>. Acessado em 19 de Março de 2010.

\_\_\_\_\_. *Alice no País das Maravilhas*. Trad. Izabel de Lorenzo e Nelson Ascher. 2000. Disponível em: <[http://200.136.76.125/colégio/livros/download/alice\\_no\\_pais\\_das\\_maravilhas.pdf](http://200.136.76.125/colégio/livros/download/alice_no_pais_das_maravilhas.pdf)>. Acessado em 19 de Março de 2010.

\_\_\_\_\_. *Alice no País das Maravilhas*. Trad. Clélia Regina Ramos. Editora Araral Azul, 2002. Disponível em: <<http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/alicep.html>>. Acessado em 19 de Março de 2010.

\_\_\_\_\_. *Alice no Reino do Espelho*. Trad. Maria Thereza Cunha de Giacomo. 2ª Edição. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1962.

\_\_\_\_\_. *Alice no País do Espelho*. Trad. Monteiro Lobato. 2ª Edição. São Paulo: Editora Brasiliense, 1962.

FROMM, G. “O uso de *corpora* na análise linguística”. *Revista Factus*, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 69-76, 2003.

SARDINHA, A. B. *Linguística de Corpus*. 1ª Edição. Barueri: Manole, 2004.